

# Nordestino, vive no lixo e não quer sair

*Os moradores das invasões de Brasília usam o lixo como casa e fonte de renda. É o que diz levantamento do GDF*

Ana Lucia Moura e  
Fabiana Tahan  
Da equipe do Correio

Elles vivem da coleta de lixo, têm uma média de três filhos, são nordestinos e não querem voltar à terra natal. Normalmente são reincidentes e a cada operação de retirada dos barracos levantam novas casas feitas de madeirite, lona e papelão em outro local.

Este é o perfil da maioria dos invasores de áreas públicas no Plano Piloto, cujas casas começarão a ser derrubadas a partir do dia 26 próximo, em uma operação que envolverá 500 pessoas e deve durar 60 dias. Segundo decisão do governo, os invasores que não estão cadastrados no Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (-Idahb) serão encaminhados às cidades de origem ou para albergues.

Pelo levantamento feito de janeiro a maio deste ano em 11 invasões urbanas do Plano Piloto pela Administração Regional de Brasília, que comandará a operação de derrubada dos barracos, 1.813 pessoas vivem nessas áreas. São mais de 700 barracos espalhados por toda cidade, algumas em locais de preservação ambiental, que coloca em risco o meio ambiente e o ecossistema do cerrado.

Quase metade da população das invasões é composta de crianças — ao todo são 821 com menos de 15 anos. Vive praticamente no meio do lixo, sem água tratada, banheiro ou vaso sanitário. Metade dos adultos tira o sustento da família com a venda do lixo.

Como a pernambucana de Belém do São Francisco, Alaíde Firmina dos Santos, 39 anos, que há

13 anos veio para Brasília. Neste tempo, ela pulou de invasão em invasão e atualmente vive com os seis filhos irregularmente no local conhecido como Saan, praticamente uma cidade, onde moram 534 pessoas em 279 barracos. Com a ajuda do filho mais velho, Francisco, 17 anos, Alaíde sustenta a família.

O menino também trabalha com a coleta e venda de papel. Deixou a escola na 1ª série, e como a mãe, provavelmente nunca aprenderá a ler ou escrever. A história de Francisco é uma faceta da infância dos invasores. Com o troca troca de endereço, a dificuldade de transporte e a necessidade de trabalho é comum a evasão escolar entre as crianças.

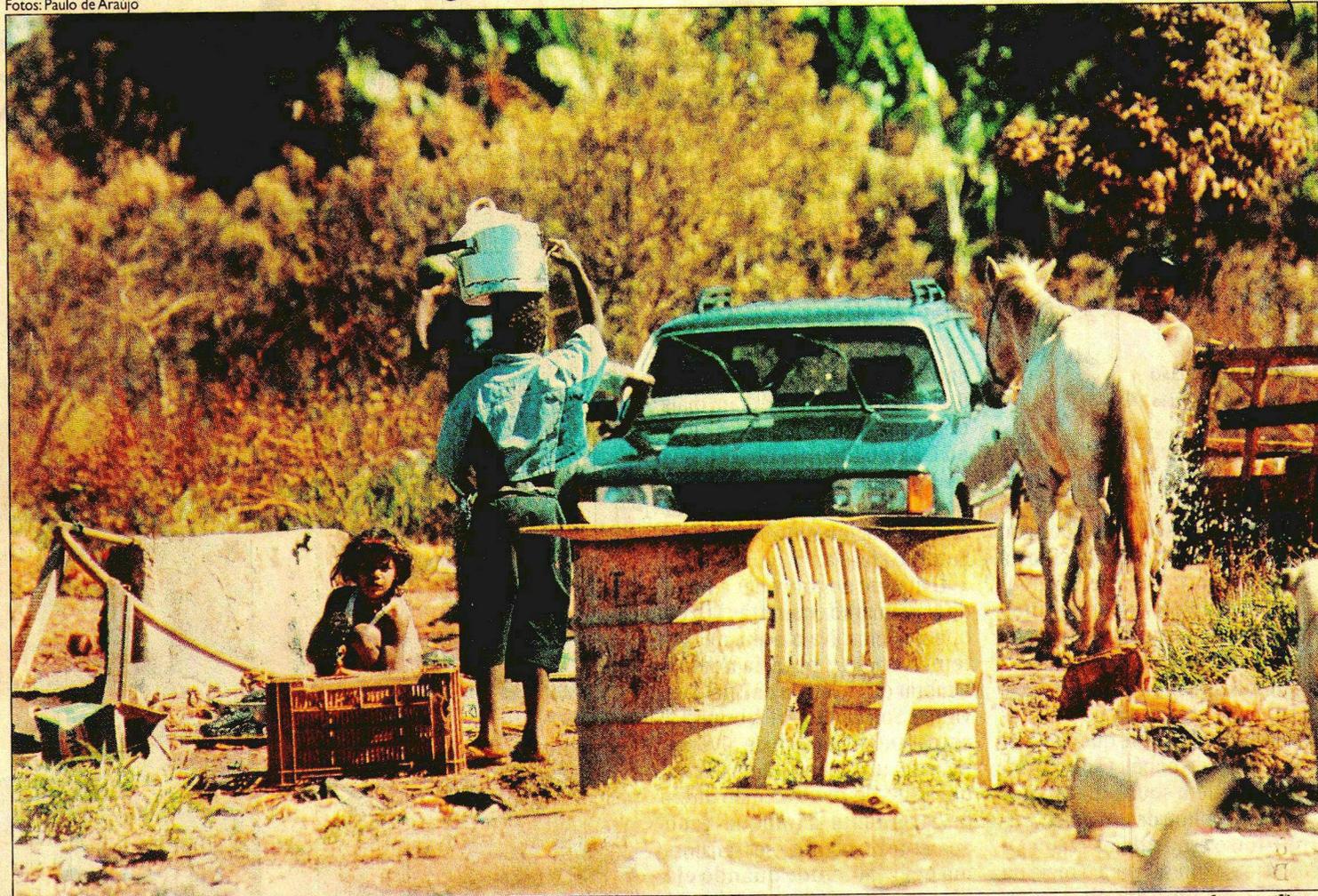
Nunca mais voltar para Belém do São Francisco para não “matar meus filhos de fome”, atualmente, é a única certeza na família de Alaíde. Para onde irá quando derrubarem seu barraco de madeirite, ela não sabe. “Se colocarem minha coisas no chão, vou para debaixo de qualquer pedaço de pau, em qualquer lugar. Invado de novo”, diz.

Francisco das Chagas, 20 anos, não sabe o que é morar em uma casa de alvenaria, nunca teve a comodidade de um banheiro e nem pensa como mudar de vida.

Com apenas seis anos veio para Brasília com os pais para fugir da pobreza de Juazeiro, na Bahia. Neste tempo morou em várias invasões. O destino dos filhos desse catador de lixo, que ganha uma média de R\$ 120,00 por mês, tudo indica, não será diferente.

O próximo endereço de Lucas, 2 anos, e da menina de 20 dias ainda sem nome será outra invasão. “Se me tiram daqui e não me dão lote volto a invadir”.

Fotos: Paulo de Araújo



Atolados no lixo, sem água encanada ou energia elétrica, quase duas mil pessoas agrupam-se nas invasões que o GDF pretende erradicar

